

# ciudades revista

ISSN (online) 2448-1092

volume 16  
número 26  
2024



# equipe editorial

**Cidades** é uma publicação voltada à divulgação de pesquisas e reflexões que envolvem a compreensão da problemática urbana a partir de um olhar preferencial, mas não exclusivamente geográfico.

Fundada em 2002 sob a responsabilidade do Grupo de Estudos Urbanos (GEU), ela está hoje sediada na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) sob a responsabilidade de um Conselho Editorial que, em 2020, assumiu a revista sob o compromisso com a pluralidade na produção do conhecimento no campo dos estudos urbanos.

A revista tem como objetivo contribuir para ampliar nossa capacidade de ler e interpretar o processo de urbanização e as cidades num período em que tem se aprofundado a complexidade das relações que orientam processos e dinâmicas e se aceleram o ritmo das transformações.

Cidades está vinculada à linha de pesquisa Produção do espaço urbano-regional do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFFS.

**Publicação sob responsabilidade da Universidade Federal da Fronteira Sul**  
Rodovia SC 484 - Km 02, - Chapecó, SC, Brasil. CEP 89815-899  
ISSN (online) 2448-1092

[cidades.uffs.edu.br](http://cidades.uffs.edu.br)  
[@revistacidades](https://www.instagram.com/revistacidades)



Esta revista está licenciada sob a Creative Commons Attribution 4.0 License.

**volume 16 | número 26 | ano 2024**

## Conselho editorial

**Dr.<sup>a</sup> Catherine Chatel**

Université Paris Cité, França

**Dr. Igor Catalão**

Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)

**Dr.<sup>a</sup> Juçara Spinelli**

Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)

**Dr. Márcio José Catelan**

Universidade Estadual Paulista (UNESP)

**Dr. Oscar Sobarzo**

Universidade Federal de Sergipe (UFS)

**Dr.<sup>a</sup> Patricia Helena Milani**

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

**Dr. William Ribeiro**

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

## Responsável editorial

**Dr. Igor Catalão**

Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)

## Direção de arte e design

**Arq. e Urb. Amanda Rosin de Oliveira**

Universidade de São Paulo (USP)

## Equipe de apoio

**Me. Carliana Grosseli**

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste)

**Me. João Henrique Zoehler Lemos**

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

**Vitor Hugo Batista**

Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)

## Bibliotecária responsável

**Franciele Scaglioni da Cruz**

Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)

## Projeto gráfico e diagramação

Arte da capa

**Corpografia** por **Carolina Sato**

**AROLab** por **Amanda Rosin de Oliveira**

## **Conselho Editorial Internacional**

Dr.<sup>a</sup> Alicia Lindón, Universidad Autónoma Metropolitana-Iztapalapa, México, alicia.lindon@gmail.com  
Dr.<sup>a</sup> Ana Fani Alessandri Carlos, Universidade de São Paulo, Brasil, anafanic@usp.br  
Dr. Angelo Serpa, Universidade Federal da Bahia, Brasil, angeloserpa@hotmail.com  
Dr.<sup>a</sup> Aurélia Michel, Université Paris Cité, França, aurelia.michel@univ-paris-diderot.fr  
Dr. Carles Carreras, Universitat de Barcelona, Espanha, ccarreras@ub.edu *in memoriam*  
Dr.<sup>a</sup> Carme Bellet, Universitat de Lleida, Espanha, carme.bellet@udl.cat  
Dr.<sup>a</sup> Claudia Damasceno, École des Hautes Études en Sciences Sociales, França, claudia.damasceno@ehess.fr  
Dr.<sup>a</sup> Diana Lan, Universidad Nacional del Centro de la Provincia de Buenos Aires, Argentina, dlan@fch.unicen.edu.ar  
Dr.<sup>a</sup> Doralice Sátyro Maia, Universidade Federal da Paraíba, Brasil, dsatyromaia@gmail.com  
Dr. Federico Arenas, Pontificia Universidad Católica de Chile, Chile, farenasv@uc.cl  
Dr. Gabriel Silvestre, University of Sheffield, Reino Unido, g.silvestre@sheffield.ac.uk  
Dr. Horacio Capel, Universitat de Barcelona, Espanha, hcapel@ub.edu  
Dr. Jan Bitoun, Universidade Federal de Pernambuco, Brasil, bitounjan@gmail.com  
Dr. José Borzachiello da Silva, Universidade Federal do Ceará, Brasil, borzajose@gmail.com  
Dr. Laurent Vidal, Université de La Rochelle, França, lvidal@univ-lr.fr  
Dr.<sup>a</sup> Leila Christina Dias, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil, leila@cfh.ufsc.br  
Dr.<sup>a</sup> Luciana Buffalo, Universidad Nacional de Córdoba, Argentina, lubuffalo@gmail.com  
Dr. Luis Alberto Salinas Arreortua, Universidad Nacional Autónoma de México, México, luis\_arreortua@hotmail.com  
Dr.<sup>a</sup> Maria Encarnação Beltrão Sposito, Universidade Estadual Paulista, Brasil, mebsposito@gmail.com  
Dr.<sup>a</sup> María Laura Silveira, Conicet/Universidad de Buenos Aires, Argentina, maria.laura.silveira.1@gmail.com  
Dr.<sup>a</sup> Odette Carvalho de Lima Seabra, Universidade de São Paulo, Brasil, odseabra@usp.br  
Dr. Paulo Roberto Rodrigues Soares, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil, paulo.soares@ufrgs.br  
Dr. Pedro de Almeida Vasconcelos, Universidade Federal da Bahia, Brasil, pavascon@uol.com.br  
Dr. Roberto Lobato Corrêa, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil, lobatocorrea39@gmail.com  
Dr. Rodrigo Hidalgo, Pontificia Universidad Católica de Chile, Chile, rodrigohidalgogeo@gmail.com  
Dr. Saint-Clair Cordeiro da Trindade Junior, Universidade Federal do Pará, Brasil, stclair-jr@hotmail.com  
Dr.<sup>a</sup> Tatiana Schor, Universidade Federal do Amazonas, Brasil, tatiana.schor@gmail.com  
Dr. Vincent Berdoulay, Université de Pau et des Pays de l'Adour, França, vincent.berdoulay@univ-pau.fr

# UM ESTUDO SOBRE AS EXPERIÊNCIAS DE MULHERES NO TRANSPORTE COLETIVO DE JOÃO PESSOA - PB

ANA KARLA LINHARES DA SILVA

Centro Universitário Uniesp

karla.linhares@hotmail.com

MARCELA DIMENSTEIN

Centro Universitário Uniesp

mmarcelad@gmail.com

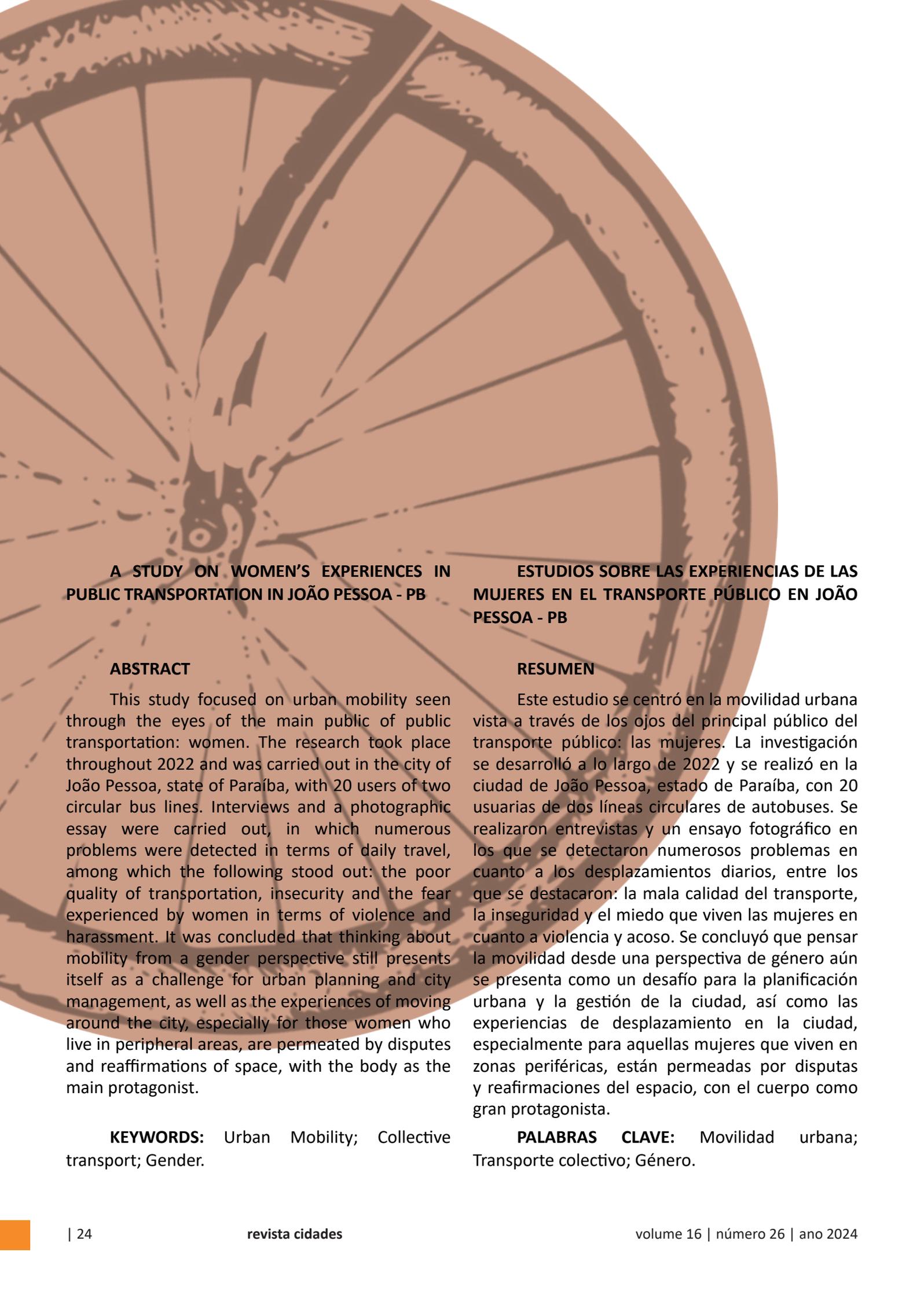
## RESUMO

Esse estudo versou sobre a mobilidade urbana vista pelos olhos do principal público dos transportes coletivos: as mulheres. A pesquisa ocorreu ao longo do ano de 2022 e foi realizada na cidade de João Pessoa - PB junto a 20 usuárias de duas linhas de ônibus circulares. Foram feitas entrevistas e ensaio fotográfico nos quais foram detectados inúmeros problemas em termos do deslocamento cotidiano, dentre os quais se destacaram: a má qualidade do transporte, a insegurança e o medo vivido pelas mulheres em termos de violência e assédio. Concluiu-se que pensar a mobilidade sob a perspectiva de gênero ainda se mostra como um desafio para o planejamento urbano e para a gestão das cidades. Igualmente, as experiências de mover-se na cidade, principalmente para aquelas mulheres que vivem em localidades periféricas, são permeadas por disputas e reafirmações do espaço, tendo o corpo como principal protagonista.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mobilidade urbana; Transportes coletivos; Gênero.



Esta revista está licenciada sob a Creative Commons Attribution 4.0 License.



**A STUDY ON WOMEN'S EXPERIENCES IN  
PUBLIC TRANSPORTATION IN JOÃO PESSOA - PB**

**ABSTRACT**

This study focused on urban mobility seen through the eyes of the main public of public transportation: women. The research took place throughout 2022 and was carried out in the city of João Pessoa, state of Paraíba, with 20 users of two circular bus lines. Interviews and a photographic essay were carried out, in which numerous problems were detected in terms of daily travel, among which the following stood out: the poor quality of transportation, insecurity and the fear experienced by women in terms of violence and harassment. It was concluded that thinking about mobility from a gender perspective still presents itself as a challenge for urban planning and city management, as well as the experiences of moving around the city, especially for those women who live in peripheral areas, are permeated by disputes and reaffirmations of space, with the body as the main protagonist.

**KEYWORDS:** Urban Mobility; Collective transport; Gender.

**ESTUDIOS SOBRE LAS EXPERIENCIAS DE LAS  
MUJERES EN EL TRANSPORTE PÚBLICO EN JOÃO  
PESSOA - PB**

**RESUMEN**

Este estudio se centró en la movilidad urbana vista a través de los ojos del principal público del transporte público: las mujeres. La investigación se desarrolló a lo largo de 2022 y se realizó en la ciudad de João Pessoa, estado de Paraíba, con 20 usuarias de dos líneas circulares de autobuses. Se realizaron entrevistas y un ensayo fotográfico en los que se detectaron numerosos problemas en cuanto a los desplazamientos diarios, entre los que se destacaron: la mala calidad del transporte, la inseguridad y el miedo que viven las mujeres en cuanto a violencia y acoso. Se concluyó que pensar la movilidad desde una perspectiva de género aún se presenta como un desafío para la planificación urbana y la gestión de la ciudad, así como las experiencias de desplazamiento en la ciudad, especialmente para aquellas mujeres que viven en zonas periféricas, están permeadas por disputas y reaffirmaciones del espacio, con el cuerpo como gran protagonista.

**PALABRAS CLAVE:** Movilidad urbana; Transporte colectivo; Género.

## 1 | INTRODUÇÃO

No Brasil, o transporte coletivo começou a ser utilizado entre as décadas de 1950 e 1960 e desde então se tornou um dos meios de locomoção mais utilizados nas cidades brasileiras, facilitando o deslocamento e a conexão entre pessoas e seus destinos. Há uma vasta produção científica (Freitas, 2016; Carvalho; Brito, 2016; Pulhez; Santhiago, 2022) que aborda a sua importância para a gestão adequada e qualidade de vida nas cidades, bem como sobre os inúmeros problemas enfrentados em termos da operacionalização e sustentabilidade. Entretanto, há igualmente um enorme debate em relação à acessibilidade e às formas de utilização pelos diferentes grupos populacionais, abordagem que extrapola a perspectiva técnica e se aproxima da discussão sobre os direitos de cidadania e da equidade de gênero no âmbito das políticas de mobilidade urbana (Pereira, 2014).

Nessa direção, o presente trabalho foi orientado pelo objetivo de contribuir com um estudo focado nas experiências de mulheres no uso do transporte coletivo na cidade de João Pessoa/PB. A pesquisa ocorreu no ano de 2022 com 20 mulheres usuária desse meio de locomoção. Insere-se, dessa forma, no conjunto de discussões que tratam da experiência das mulheres no espaço urbano, da relação gênero-cidade, das especificidades que caracterizam a mobilidade urbana nas cidades latino-americanas e das profundas desigualdades que afetam os diferentes grupos sociais, dentre eles homens e mulheres.

A literatura do campo do Urbanismo e Planejamento Urbano apresenta uma vasta discussão sobre as diferenças nos padrões

de deslocamentos de mulheres e homens no meio urbano brasileiro (Macêdo *et al.*, 2020); sobre os desequilíbrios entre os gêneros associados à raça, classe social e local de moradia (Nunes; Pereira, 2020); sobre a relação entre a mobilidade urbana periférica com a permanência na educação superior por mulheres negras (Lima, 2019); sobre os problemas da mobilidade urbana de mulheres associados à violência urbana de gênero e à insegurança, a exemplo do assédio nos transportes públicos (França; Campos; Meneses, 2022; Vasconcelos; Oliveira; Andrade, 2020); sobre as inúmeras estratégias de segurança e de autodefesa que precisam desenvolver cotidianamente durante os seus deslocamentos (Gorbea; Montes, 2022; França; Campos; Meneses, 2022); sobre as barreiras e obstáculos que encontram em termos de infraestrutura das cidades e desconforto dos transportes coletivos (Lyra, 2023), bem como da necessidade de disponibilizar um transporte público que facilite a mobilidade entre o espaço público e o privado, já que grande parte dos deslocamentos das mulheres estão associados ao trabalho reprodutivo doméstico e familiar (Mayorga; Iñiguez-Rueda, 2019).

Desse modo, este trabalho apresenta um estudo de caso das experiências urbanas de mulheres que usam duas linhas específicas do transporte público na cidade de João Pessoa. Além disso, buscaram-se identificar as principais dificuldades enfrentadas e analisar a dinâmica de uso pelo público feminino do transporte coletivo na capital paraibana.

## 2 | METODOLOGIA

Este estudo se refere a uma aproximação exploratória da experiência urbana de mulheres no transporte público de João Pessoa realizada como parte das atividades de pesquisa desenvolvidas durante o último ano do curso de Arquitetura e Urbanismo. O desenvolvimento de habilidades investigativas é parte fundamental do processo formativo, bem como da produção de conhecimento crítico e contextualizado. Ademais, é imprescindível para os novos profissionais que vão atuar em contextos extremamente desafiadores referentes aos problemas socioambientais e urbanos, observados na atualidade nas cidades brasileiras.

Por se tratar de um estudo exploratório de abordagem qualitativa, ressalta-se que não houve intenção de cobrir um grande número de linhas de transporte, nem obter números estatisticamente recomendáveis em termos de delineamento e representatividade amostral. O interesse da pesquisa foi obter a colaboração do maior número de participantes possível visando levantar informações relevantes sobre as condições de deslocamento de mulheres pela cidade. Assim, foi um estudo que requer novas inserções na área para futuras discussões.

De maneira inicial, optou-se por realizar uma abordagem por meio do levantamento de dados quantitativos sobre esse público-alvo para, na sequência, realizar observação da realidade local, registro fotográfico e visita aos locais referidos, momento em que foram aplicados questionários e realizadas entrevistas com as participantes.

As visitas ocorreram entre maio e outubro de 2022, em horários diferenciados, as quais permitiram conhecer mulheres que realizavam atividades diversas ao longo do dia, analisar as condições do transporte coletivo e o trajeto que fazem as duas rotas escolhidas. Foi possível entrevistar 20 mulheres que se prestaram a colaborar com a pesquisa. Complementarmente, foi aplicado um questionário que versava sobre os seguintes aspectos: caracterização do público, aspecto físico dos ônibus e as experiências e sensações ao se utilizar o transporte coletivo.

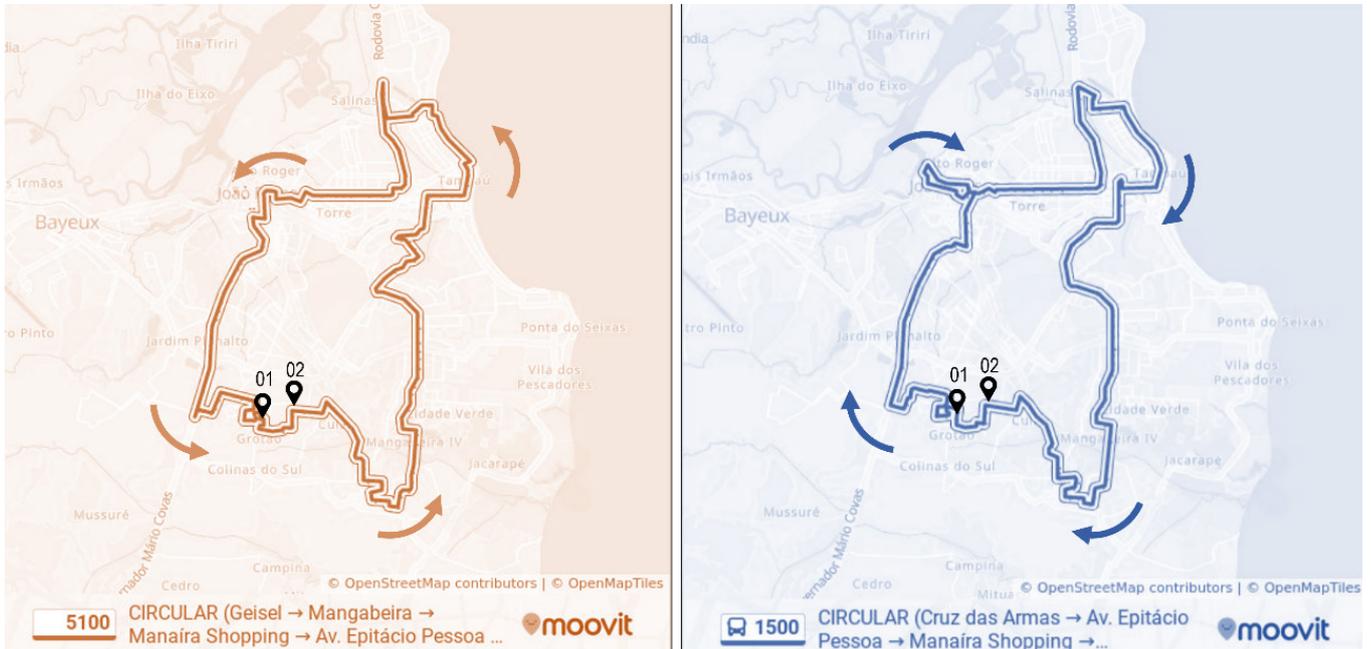
## 2.1 | Linhas de transporte estudadas.

A cidade de João Pessoa possui 74 linhas de transporte coletivo que, segundo Ferraz e Torres (2004 *apud* Freitas, 2016, p. 28), são classificadas em cinco tipos seguindo seu traçado: radial, diametral, circular, interbairros e local. Este estudo focou seus esforços em duas linhas circulares: 5100 e 1500, ambas pertencentes ao consórcio Unitrans. Pelas definições dos autores, entende-se por circular a “linha que liga várias regiões da cidade, formando um circuito fechado, em geral com a zona central localizada mais ou menos no centro do circuito, embora em alguns casos se utilizem linhas circulares passando pela área central”.

São linhas complementares, pois fazem um sentido oposto à outra (Figura 1). A linha 5100 tem seu início no Terminal do Geisel (Figura 2) e atravessa os bairros Valentina, Cidade Universitária, BR-230, Parque Solon de Lucena e Cruz das Armas, seguindo essa ordem. A linha 1500 tem seu início no Terminal Grotão (Figura 3) e faz o caminho inverso ao 5100, passando primeiro pelo bairro Cruz das Armas. São linhas complementares, pois fazem um sentido oposto à outra (Figura 1). A linha 5100 tem seu início no Terminal do Geisel (Figura 2) e atravessa os bairros Valentina, Cidade Universitária, BR-230, Parque Solon de Lucena e Cruz

das Armas, seguindo essa ordem. A linha 1500 tem seu início no Terminal Grotão (Figura 3) e faz o caminho inverso ao 5100, passando primeiro pelo bairro Cruz das Armas.

**Figura 1 - Itinerário dos ônibus 5100 e 1500 com indicação dos terminais de início e fim do trajeto.**



Fonte: adaptado de SEMOB-JP (2023).

**Figura 2 - Ponto 2: Terminal do Geisel.**



Fonte: acervo das autoras (2023).

**Figura 3 - Ponto 1: Terminal do Grotão.**



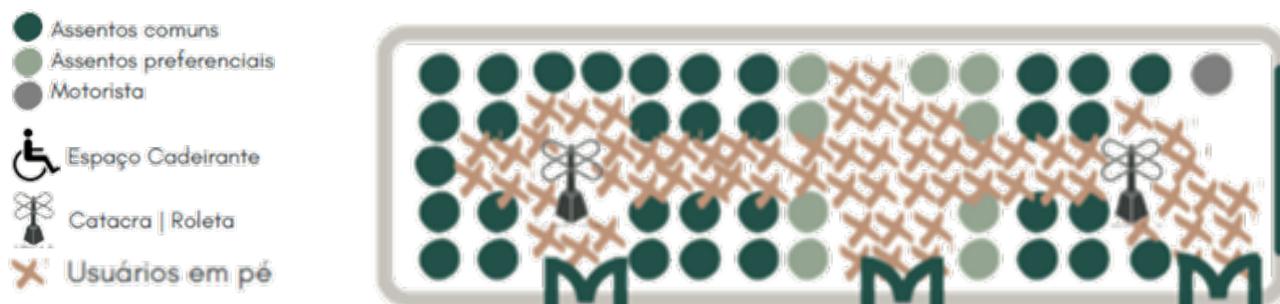
Fonte: acervo das autoras (2023).

Essas linhas foram escolhidas devido à familiaridade de uma das pesquisadoras com a rota, uma vez que faz uso diário do transporte coletivo, mas também pelos seus trajetos cruzarem diversos bairros de João Pessoa, atendendo tanto áreas mais abastadas da cidade quanto bairros periféricos.

Os ônibus em estudo possuem três portas, sendo a primeira para o embarque dos passageiros, a segunda para acesso preferencial e a última para desembarque. Comportam uma média de 40-42 assentos, sendo nove deles destinados ao uso preferencial de pessoas com deficiência, idosos, gestantes, pessoas com bebês ou crianças de colo e com obesidade. Além dos assentos existentes, ainda são permitidos 43 passageiros em pé, limite que normalmente é ultrapassado. Em horários de pico, os passageiros se acomodam onde e como podem, ou seja, apoiados no motor frontal ao lado do motorista ou sentados nos degraus das entradas e saídas, pois o importante é conseguir “pegar o ônibus” e retornar para casa (Figura 4).

De acordo com a observação realizada nos transportes das duas linhas circulares, nota-se que os problemas de qualidade e adequação dos mesmos também foram detectados em outros estudos, tornando-os um problema crônico e estrutural em nível nacional (Faria, 2019).

Figura 4 - Ilustração de ônibus em superlotação.



Fonte: acervo das autoras (2022).

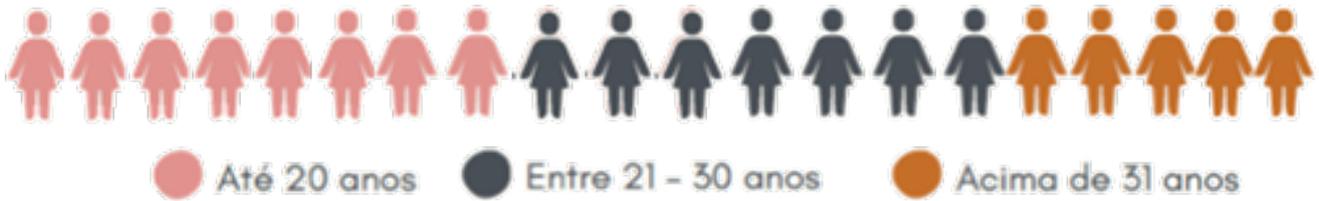
## 2.2 | Caracterização dos participantes.

Foram realizadas entrevistas com 20 mulheres, sendo 17 solteiras e três casadas. Doze eram usuárias da linha circular 5100 e oito da linha circular 1500. O objetivo foi conhecer suas experiências no uso dos transportes coletivos.

As participantes foram divididas em três faixas etárias: mulheres com até 20 anos; mulheres entre 21 e 30 anos e as que possuem acima de 31 anos (Figura 5). Metade das usuárias entrevistadas pegavam mais de um ônibus para chegar ao seu destino. Assim, além das linhas circulares investigadas na pesquisa, elas necessitavam utilizar uma segunda linha para que o trajeto ficasse completo (Figura 6).

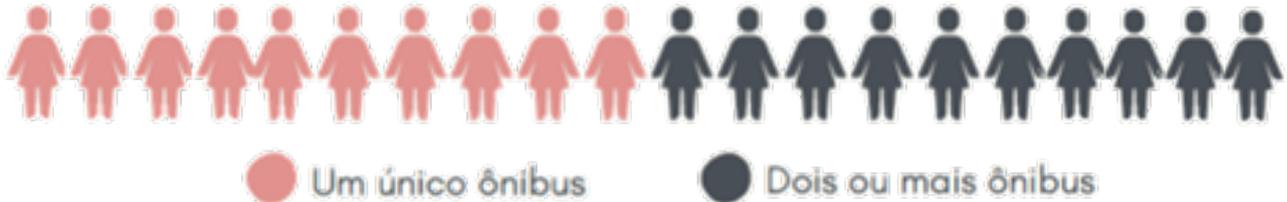
Sobre o grau de escolaridade das entrevistadas, dez delas afirmaram possuir o ensino médio completo, sete, o ensino superior incompleto ou em andamento, duas já concluíram o ensino superior e uma ainda estava concluindo o ensino médio.

Figura 5 - Idade das entrevistadas



Fonte: elaborado pelas autoras.

Figura 6 - Quantidade de embarques necessários para realizar o trajeto completo.



Fonte: elaborado pelas autoras.

Entretanto, das dez entrevistadas que faziam uso de mais de uma linha de ônibus, apenas três não moravam na cidade de João Pessoa. A maioria das mulheres, sujeitos da pesquisa, residia em bairros da zona sul de João Pessoa, tal como Mangabeira, Valentina, Muçumagro, Paratibe, Nova Mangabeira, Gramame e Planalto da Boa Esperança. Apenas duas delas eram moradoras de outras áreas da cidade, na zona oeste, no bairro Cruz das Armas (Figura 7). A Zona Sul da cidade é a que apresenta os índices mais desfavoráveis em termos socioeconômicos (Perez; Sales; Silveira, 2020), mostrando os efeitos das desigualdades sociais em termos da mobilidade na cidade.

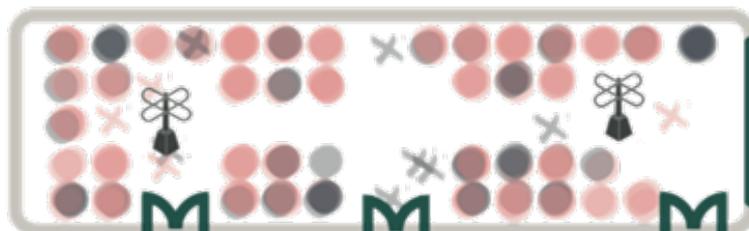
Figura 7 - Zona da cidade onde moram.



Fonte: elaborado pelas autoras.

Foram realizados mapeamentos dos usuários das duas linhas circulares escolhidas ao longo de dez dias, nos horários da manhã, tarde e noite. Evidenciou-se nas observações que a presença de mulheres nos coletivos se sobressai à de homens (Figura 8). Esse dado corrobora com o que foi identificado nas pesquisas em âmbito nacional (Pulhez; Santhiago, 2022; Oliveira, 2020; Faria, 2019).

Figura 8 - Sobreposição dos assentos ocupados por homens e mulheres ao longo das observações.



Sobreposição de todos os mapas de assento

Fonte: elaborado pelas autoras.

## 4 | A EXPERIÊNCIA DE JOVENS MULHERES NOS TRANSPORTES COLETIVOS DE JOÃO PESSOA

Estudos realizados na capital paraibana nos últimos anos evidenciaram o que outras pesquisas revelaram em nível nacional, ou seja, que as mulheres utilizavam mais o transporte coletivo e andavam mais a pé do que os homens. Segundo Lucena (2019, p. 165), há “uma atenção especial feminina com relação à sua integridade física e à realização de viagens utilitárias, para cumprir atividades básicas, como trabalho, compras essenciais e estudos”. Em razão disso, as mulheres passavam mais tempo se deslocando ao longo do dia do que os homens e aquelas que têm crianças em casa possuíam uma taxa de mobilidade maior ainda, no intuito de atender às necessidades dos dependentes (Macêdo *et al.*, 2020).

Svab (2016), analisando especificamente o deslocamento da mulher, encontrou que o grau de instrução e a renda estavam associados ao deslocamento das mulheres. Ou seja, o deslocamento por trabalho era maior entre as pessoas de maior renda, ao passo que para a educação ocorria o oposto: quanto maior a renda, menor a proporção de viagens. Essa última situação poderia ser explicada, nas faixas de maior rendimento, pelo menor número de crianças se comparado às famílias mais pobres e presença de transportes escolares que se encarregavam de levar os filhos à escola.

Para melhor perceber as experiências urbanas e sensações vividas por essas mulheres no transporte coletivo de João Pessoa, além das entrevistas gravadas, foram feitos registros fotográficos. Também foi solicitado que elas indicassem em um mapa algumas sensações sentidas ao longo dos trajetos que remetesse a três tipos de sentimentos: insegurança, agitação e calma. Os pontos que foram sinalizados como inseguros correspondiam a trechos em que o entorno por onde o transporte coletivo circula foi considerado isolado e sem a presença forte de comércios. Já os marcados como agitados tinham em comum o forte comércio e, conseqüentemente, a presença de sons, pessoas nas ruas e meios de propaganda. Já os sinalizados como calmos mostravam a presença de elementos naturais, podendo ser a passagem da Mata do Buraquinho – área de preservação de Mata Atlântica – ou a orla da capital, ou eram pontos familiares para as usuárias.

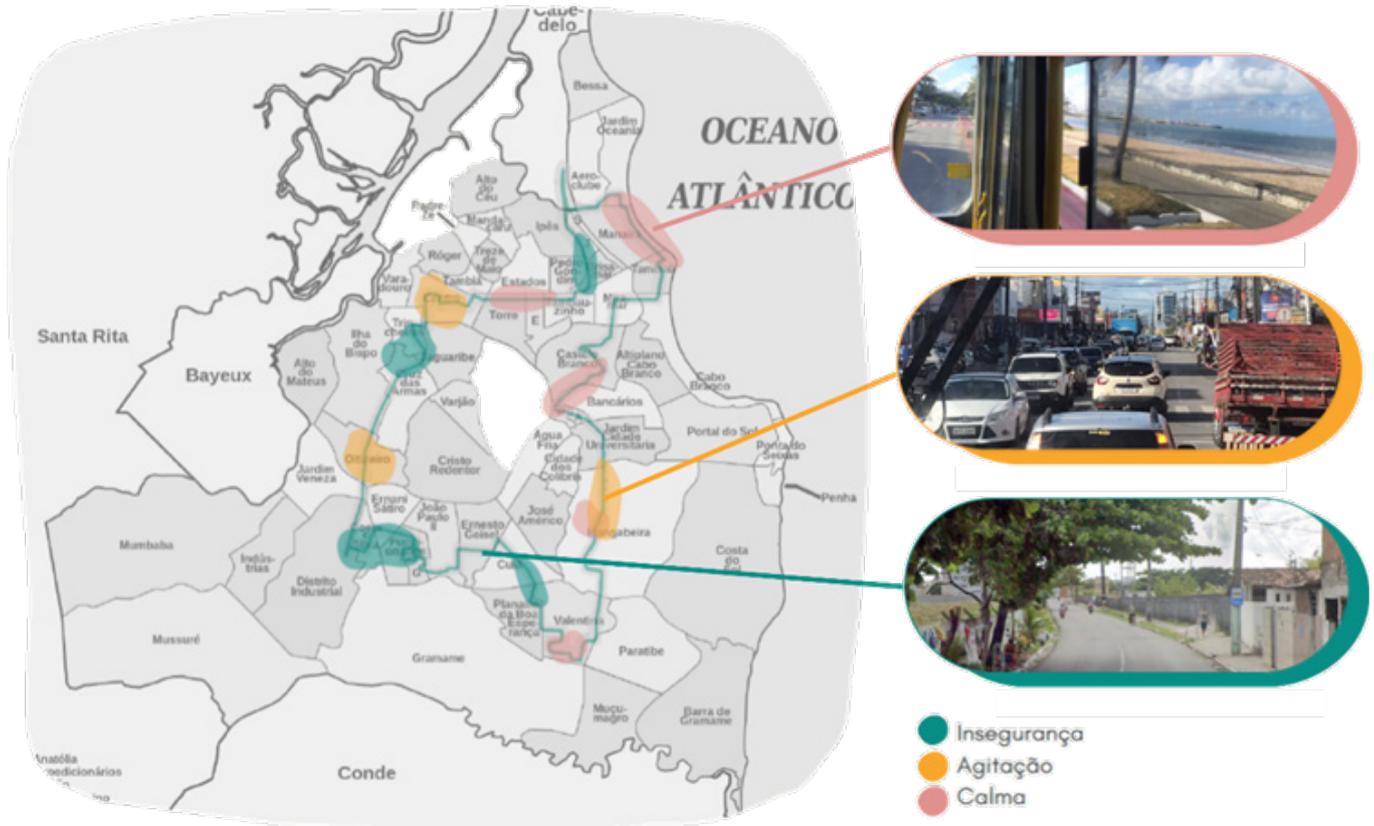
As informações obtidas foram ilustradas por meio de um mapa de sensações e por registros fotográficos realizados pelas autoras. Em verde na Figura 9 estão os trechos que remetem à insegurança, em amarelo estão os pontos de agitação e em rosa estão os de calma.

Alguns problemas foram detectados na experiência dessas participantes no uso do transporte coletivo. As maiores reclamações incluíam os seguintes pontos: 1) ausência de limpeza e manutenção dos ônibus, mesmo durante a pandemia da covid-19, quando o volume de passageiros diminuiu substancialmente; 2) superlotação; 3) medo e insegurança. Outros também foram citados em menor intensidade pelas participantes, como a frota insuficiente para atender à demanda, o valor da tarifa, veículos velhos e sem manutenção e grosserias do motorista no trato com o público.

Sobre a questão da higiene e manutenção, sabemos que o transporte é um direito social, como consta no artigo 6º da Constituição Brasileira (Brasil, 1988), e fundamental para se obter uma sociedade justa e democrática. Quando

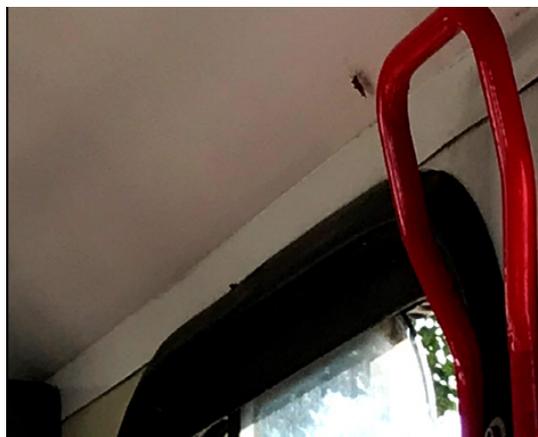
disponibilizado à população, o transporte permite o acesso a outros direitos sociais, como ir e vir, trabalho, saúde, educação e lazer. Entende-se que para usufruir desse transporte de modo agradável e seguro seria indispensável que o poder público se responsabilizasse pela regulação da manutenção e higienização, pois a maioria dos transportes são uma concessão pública. Houve uma insatisfação com relação ao estado material dos ônibus investigados. Cerca de 58% das entrevistadas utilizaram as palavras péssimo, precário, lamentável, negação e terrível. Informaram que constantemente apresentavam defeitos, quebravam no meio do trajeto e rodavam frequentemente sujos, inclusive com a presença de baratas e outros insetos (Figura 10).

Figura 9 - Mapa das sensações ao longo dos trajetos estudados.



Fonte: acervo das autoras (2022).

Figura 10 - Presença de baratas no transporte coletivo.



Fonte: acervo das autoras (2022).

**Acho sujo, já presenciei baratas no ônibus, poderia ter fiscalizações e ser higienizado constantemente (Ruth, 23 anos, entrevistada no circular 5100).**

**Nas condições físicas do ônibus, eu daria nota 6. Porque deveria ser mais limpo e, em relação a conforto, daria nota 2. No período que estamos vivendo, em tempo de pandemia, não deveria estar havendo superlotação nos ônibus, a demora dos ônibus e a falta de educação dos profissionais. Além disso, essas duas linhas de ônibus 1500 e 5100 são as linhas em que mais ocorrem assédio sexual da parte das mulheres, pelo fato deles estarem sempre lotados, então as pessoas se aproveitam para cometer esse grave crime (Maria José, 49 anos, entrevistada no circular 5100).**

**Precária, tanto no quesito conforto quanto no quesito limpeza, acho injusto o preço pago por um serviço de baixa qualidade, falta segurança também! (Samira, 19 anos, entrevistada no circular 1500).**

**Falta de segurança, pois muitas das vezes por não ter um cobrador, muitos pulam a catraca, falta de conforto, pois muitos vão em pé (Kalliny, 23 anos, entrevistada no circular 1500).**

O preço da tarifa dos coletivos também foi um dos assuntos mais abordados pelas usuárias, pois, para elas, o valor cobrado não condizia com a qualidade dos transportes. Alves (2021) revelou o aumento da passagem no período de 2005 a 2020 na cidade, o qual ultrapassou o percentual de 200%.

Mesmo com tantos aumentos, como referido acima, os transportes não melhoraram em quantidade nem em qualidade. Em 2018 muitos usuários foram às ruas protestar contra o aumento exagerado no valor das passagens e reivindicar melhorias no transporte coletivo. O Sindicato das Empresas de Transporte Coletivo Urbano de João Pessoa (SINTUR-JP) justificou o aumento devido ao custo pessoal, aumento do óleo diesel e redução do número de passageiros (Estudantes [...], 2018).

A superlotação foi outro grande problema relatado pelas mulheres. Mesmo durante a pandemia, as medidas preventivas contra a Covid-19 não foram implementadas pelas companhias de transporte coletivo e o distanciamento social não foi respeitado. Com a redução das atividades presenciais, as companhias de ônibus alegaram prejuízos financeiros. Para reduzir os custos e o impacto financeiro, algumas linhas foram suspensas, o que ocasionou o aumento de passageiros em frotas alternativas. Com isso, à medida que as atividades presenciais foram sendo normalizadas, as usuárias se viram obrigadas a utilizar o transporte coletivo, mesmo se colocando em risco de contaminação, pois, para essas mulheres, era o único meio de se locomover, principalmente para aquelas que atravessam maiores distâncias (Figura 11).

**Figura 11 - Superlotação no ônibus circular.**



Fonte: acervo das autoras (2022).

Outra preocupação das entrevistadas concernia ao cadastramento de pessoas acima de 65 anos para emissão do cartão de acesso ao transporte coletivo urbano, o Passe Legal, que vem sendo realizado pela SINTUR-JP desde agosto de 2022. A iniciativa já estava em execução, passando por uma fase de teste, mas a decisão não foi bem recebida pelo público, visto que dificultaria o acesso durante os horários de pico, além de impactar na locomoção dos idosos e de pessoas com acesso preferencial para que se disponibilizassem os assentos devidos. A pauta da acessibilidade e garantia de direitos também foi trazida pelas usuárias em conversas informais durante o período de observação.

Um dos problemas relatados pelas entrevistadas referia-se ao medo e à insegurança no uso dos transportes coletivos. Alves (2021) ressaltou que, em muitas cidades do Brasil, utilizar o transporte público era sinônimo de medo e insegurança devido ao alto número de assaltos registrados. Ao serem questionadas sobre as experiências já vividas, as palavras mais utilizadas pelas usuárias foram assalto, assédio e insegurança. Desse modo, pode-se afirmar que o medo estava constantemente presente no deslocamento cotidiano das mulheres, que tendiam a se portar com enorme desconfiança.

Além disso, em um país com alarmantes índices de violência e feminicídio, para muitas mulheres qualquer figura masculina pode ser um possível “assediador”. Uma interessante definição para o assédio sexual foi incluída na Portaria nº 1.450, de 18 de maio de 2021, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC), segundo a qual se trata de “todo o comportamento indesejado de caráter sexual, sob forma verbal, não verbal ou física, com o objetivo ou o efeito de perturbar ou constranger a pessoa, afetar a sua dignidade, ou de lhe criar um ambiente intimidativo, hostil, degradante, humilhante ou desestabilizador” (art. 3º, inciso III). O assédio sexual no transporte público é resultado da cultura patriarcal recorrente no Brasil e gestos como olhares maliciosos, passadas de mão, o famoso “fiu-fiu” compõem o sofrimento diário de milhares de mulheres em todo o país (Olivotti *et al.*, 2019, p. 4).

Assim, as mulheres utilizaram com frequência o dispositivo de evitação, ou seja, qualquer contato físico e visual com outra pessoa do sexo masculino, para se sentirem mais seguras (Talone; Araujo, 2019, p. 993). Em alguns dos relatos registrados durante a pesquisa, as usuárias falaram de momentos de medo e situações em que sofreram assédios, dentre eles os olhares, constrangimentos, falas e até toque físico ou fotografias sem autorização. Conforme as próprias entrevistadas:

**Acho o assédio uma das situações mais vivenciadas por mim dentro do ônibus, ocorre muito o aproveitamento da parte masculina por estar em um local onde a maioria das mulheres não costumam reagir e então tiram proveito disso, ou arrumando desculpas esfarrapadas. Os assaltos em ônibus também costumam ser casos sem solução e até normalizados. Ao andar com minha namorada no ônibus também é notório o olhar de julgamento das pessoas, é um espaço necessário por vários tipos de pessoas de diferentes gostos, então o respeito torna-se uma insegurança minha (Samira, 19 anos, entrevistada no circular 1500).**

**Teve uma vez em 2004 que tive um desconforto, um homem passou a mão na minha cintura e apertou minha coxa (Virginia, 38 anos, entrevistada no circular 5100).**

**Insegurança e constrangimento. Na volta para casa, como de costume, sempre no final da tarde, os ônibus estarem lotados pelo excesso de trabalhadores e estudantes que utilizam esse meio. Sendo assim me fazendo refém do assédio (Eliza, 17 anos, entrevistada no circular 1500).**

No Brasil, como já referido, o transporte público é de baixa qualidade e superlotado, financiado essencialmente pela tarifa paga pelos próprios usuários (Couto *et al.*, 2020). Em João Pessoa, o gerenciamento da mobilidade pública não é o ideal. Alguns fatores contribuem para essa situação como: a falta de um plano de mobilidade que atenda toda região metropolitana de João Pessoa; a necessidade de uma rede cicloviária que se integre com o transporte coletivo; a ausência de monitoramento e fiscalização dos corredores dos ônibus; e a falta de segurança nos deslocamentos diários dos usuários, dentre outros.

Portanto, entender os problemas da mobilidade urbana na perspectiva das mulheres é de suma importância já que as experiências femininas no meio urbano têm suas especificidades. Conhecer o que interfere na tomada de decisão das mulheres em relação aos seus deslocamentos na cidade, às escolhas em termos de rotas e trajetos, melhores horários, tipo de transporte e como experienciam o uso do transporte público é fundamental para dimensionar e intervir nos problemas de mobilidade que as mulheres, a partir de suas diferenças de raça, classe e renda, local de moradia e geração, enfrentam cotidianamente.

Ao se apropriar dos espaços públicos urbanos, as mulheres, principalmente aquelas que caminham ou usam o transporte coletivo, se sentem vulneráveis em razão das violências que caracterizam as relações de gênero na vida social, as quais atingem seu patrimônio, mas também moralmente e sexualmente. As

vivências de insegurança, segundo Siqueira (2015), são resultantes da opressão sofrida pelas mulheres na nossa sociedade machista e patriarcal e da cultura naturalizada de domínio sobre o corpo da mulher.

## CONCLUSÃO

A pesquisa indicou que as experiências das mulheres no transporte coletivo da capital paraibana são permeadas por inúmeros problemas já bastante conhecidos em outras cidades brasileiras e estrangeiras. Os medos mais constantes que atormentam as mulheres que necessitam fazer uso desse transporte são em relação aos seus corpos. As “cantadas” bastante normalizadas pelo público masculino limitam seu direito à mobilidade por receio à sua integridade física e moral. “A superlotação dos meios de transporte e a naturalização com a culpabilização da vítima são fatores que contribuem para a recorrência de casos de assédio” (Oliveira, 2019 *apud* Vasconcelos *et al.*, 2020, p. 259). Essas situações ao longo do tempo têm moldado o comportamento feminino no espaço público a despeito das diversas conquistas alcançadas e da superação de alguns tabus na sociedade. Entretanto, ainda é possível testemunhar condições desiguais entre homens e mulheres, desrespeito e desconforto gerado ao público feminino no cotidiano e na vida social.

Atualmente, é um grande desafio para o planejamento urbano e para a gestão das cidades pensar a mobilidade sob a perspectiva de gênero. Ou seja, planejar uma infraestrutura adequada em termos de vias, ruas, iluminação e áreas de lazer de acordo com as necessidades de deslocamento das mulheres. Fazer o uso combinado do solo que proporcione a proximidade desses espaços e serviços, como também a movimentação constante de pessoas, permitiria, assim, uma maior igualdade entre os grupos populacionais nas cidades. Dessa forma, o estudo reforçou as implicações de gênero em padrões e configurações de mobilidade urbana, desafiando gestores e planejadores. ■

Recebido em: 15/05/2023

Aceito em: 26/03/2024

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Gabriela Leite Ferreira. *A influência da pandemia no transporte público urbano por ônibus no Brasil*. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Engenharia Civil) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2021.
- BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.
- CARVALHO, Claudio Oliveira de; BRITO, Filipe Lima. Mobilidade urbana: conflitos e contradições do direito à cidade. *Revista de Direito Econômico e Socioambiental*, v. 7, n. 2, p. 103-132, 2016.
- COUTO, Cecília de Freitas Vieira; MEDEIROS, Gabriela Dantas; ALVES, Maria Fernanda Pereira; DIAS, Clovis; BRAGA, Isabelle Yruska de Lucena Gomes; ANDRADE, Nilton Pereira de. A pandemia da covid-19 e os impactos para a mobilidade urbana. In: CONGRESSO DE PESQUISA E ENSINO EM TRANSPORTE DA ANPET, 34., 2020, Fortaleza. *Anais [...]*. Fortaleza: UFC, 2020, p. 569-579.
- ESTUDANTES protestam contra aumento da tarifa de ônibus, em João Pessoa. *G1 Paraíba*. 20 fev. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/estudantes-protestam-contr-aumento-da-tarifa-de-onibus-em-joao-pessoa.ghtml>. Acesso em: 27 nov. 2022.
- FARIA, Gabriela Cicci. *Cidades possíveis: espaço e gênero em escolhas de mobilidade urbana*. 2019. 187 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.
- FRANÇA, Milayne dos Santos; CAMPOS, Ana Mara da Rocha; MENESES, Vitor Domício de. Mobilidade feminina e as rotinas diárias de autodefesa nas cidades. In: PULHEZ, Magaly Marques; SANTHIAGO, Ricardo (Org.). *Cadernos de estudos urbanos*. São Paulo: Instituto das Cidades; Universidade Federal de São Paulo, 2022, p. 166-183.
- FREITAS, Paulo Vitor Nascimento de. *Qualidade do transporte público urbano por ônibus: um estudo sobre a percepção dos usuários e o desempenho técnico em João Pessoa (PB)*. 2016. 184 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil e Ambiental) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.
- GORBEA, Gabriela Garcia; MONTES, Carmen Icazuriaga. Estratégias digitais para a mobilidade diária das jovens mulheres na Cidade do México. *Encartes*, v. 5, n. 10, p. 97-124, 2022.
- LIMA, Renata Miranda. Mulheres negras: a relação de mobilidade urbano periférica com a permanência na educação superior. *Revista da Defensoria Pública da União*, n. 12, p. 297-325. 2019.
- LUCENA, Jéssica Gomes de. *Caminhabilidade: um olhar sobre as influências do espaço urbano na mobilidade dos pedestres no bairro Torre, João Pessoa-PB*. 2019. 201 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.
- LYRA, Júlia de Freitas Correia. *A mobilidade urbana de trabalhadoras domésticas remuneradas em Macaíó-AL, Brasil*. 2023. 140 f. Dissertação (Mestrado em Ordenamento do Território e Urbanismo) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2023.
- MACÊDO, Bianca; PINTO, Davi Garcia Lopes; SIQUEIRA, Matheus Fontenelle; LOPES, André Soares; LOUREIRO, Carlos Felipe Grangeiro. Caracterização das diferenças no padrão de mobilidade de mulheres e homens em grandes cidades brasileiras. *Transportes*, v. 28, n. 4, p. 89-102, 2020.
- MAYORGA, Claudia; IÑIGUEZ-RUEDA, Lupicinio. Gênero, feminismo e cidades. *Revista de Estudios Urbanos y Ciencias Sociales*, v. 9, n. 1, p. 9-15, 2019.
- NUNES, Ana Carolina Almeida Santos; PEREIRA, Marina. A ausência das perspectivas de gênero e raça nas políticas públicas de mobilidade urbana. *Revista Brasileira de Direito Urbanístico*, v. 6, n. 10, p. 189-206, 2020.
- OLIVEIRA, José Hercilio Pessoa de. *Mobilidade urbana e território: desafios na perspectiva de mulheres*

da Zona Sul de São Paulo. 2020. 163 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020.

OLIVOTTI, Conrado Gomes da Silva; MORAES, Luiza Condado de; RODRIGUES, Rafaela Soares Carvalho; CABRAL, Maria Júlia Bueno. Violência contra a mulher: uma análise comparativa de casos de assédio no transporte público cobertos pelos portais G1 e UOL. In: CONGRESSO NACIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 9., 2019, São Paulo. *Anais [...]*. São Paulo: SEMESP; Universidade Anhembi Morumbi, 2019.

PEREIRA, Elson Manoel. Cidade, urbanismo e mobilidade urbana. *Geosul*, v. 29, n. especial, p. 73-92, 2014.

PEREZ, Letícia Palazzi; SALES, Andréa Leandra Porto; SILVEIRA, José Augusto Ribeiro da. Mudanças climáticas e urbanismo insustentável no município de João Pessoa, Paraíba. *Sustainability in Debate*, v. 11, n. 12, p. 322-340, 2020.

PULHEZ, Magaly Marques; SANTHIAGO, Ricardo. *Cadernos de Estudos Urbanos*. São Paulo: Instituto das Cidades; Universidade Federal de São Paulo, 2022.

SIQUEIRA, Lúcia de Andrade. *Por onde andam as mulheres? Percursos e medos que limitam a experiência de mulheres no centro de Recife*. 2015. 161 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.

SEMOB-JP – SUPERINTENDÊNCIA EXECUTIVA DE MOBILIDADE URBANA. Linhas de ônibus: itinerários e horários [portal online]. 2023. Disponível em: <https://servicos.semobjp.pb.gov.br/linhas-de-onibus>. Acesso em: 17 maio 2023.

SVAB, Haydée. *Evolução dos padrões de deslocamento na região Metropolitana de São Paulo: a necessidade de uma análise de gênero*. 2016. 471 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Transportes) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

TALONE, Vittorio; ARAÚJO, Anna Bárbara. A evitação do assédio sexual no transporte público: uma leitura pragmática das práticas de desconfiança de mulheres na cidade do Rio de Janeiro. *Contemporânea*, v. 9, n. 3, p. 989-1006, 2019.

VASCONCELOS, Luarah Almeida de; OLIVEIRA, Mirna Pimentel; LEITE, Naíra Maria Amaral; ANDRADE, Nilton Pereira de. Um panorama do assédio no transporte público de Joao Pessoa. In: CONGRESSO DE PESQUISA E ENSINO EM TRANSPORTE DA ANPET, 34., 2020, Fortaleza. *Anais [...]*. Fortaleza: UFC, 2020. p. 258-269.